

Corrupção e Interpretação: uma reflexão da Hermenêutica Bíblica

Corruption and Interpretation: a reflection of Biblical Hermeneutics

Walison Almeida Dias¹

Resumo: Este artigo objetiva refletir as questões interpretativas da literatura bíblica. A metodologia bibliográfica adotada neste estudo considera uma análise dos materiais já elaborados (Gil, 2000) acerca da temática. O artigo se divide em três eixos: Hermenêutica e Linguagem; Interpretação Bíblica e Compreensão Textual; A Hermenêutica Bíblica e os Jogos de Interesses. Os resultados do estudo apontam para uma reflexão da corrupção hermenêutica como ato deliberado e consciente ao interpretar os textos bíblicos, desconsiderando os esforços teológicos, históricos, hermenêuticos, arqueológicos e linguísticos, que em muito contribuem para a interpretação da cultura religiosa. Conclui-se que a hermenêutica bíblica, consciente na interpretação mais fidedigna ao todo do texto, abarcando suas entrelinhas, discursos, seu público e cultura, o que não anula sua sacralidade, mas a situa em um tempo concreto, de pessoas reais e com problemas específicos, alcançando o sentido mais sublime que os autores quiseram empregar ao escrever esse tipo de literatura.

Palavras-Chave: Interpretação Bíblica, Hermenêutica, Corrupção

Abstract: This article aims to reflect on the interpretative issues of biblical literature. The bibliographic methodology adopted in this study considers an analysis of already developed materials (Gil, 2000) on the theme. The article is divided into three axes: Hermeneutics and Language; Biblical Interpretation and Textual Understanding; Biblical Hermeneutics and

Recebido em 4 de junho de 2023

Aceito em 09 de junho de 2024

¹ Cientista da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA) e Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-IFCH/UFPa). Email: prof.walisondias@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2497-3555>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7299372885940254>

Games of Interests. The study results point to a reflection on hermeneutical corruption as a deliberate and conscious act when interpreting biblical texts, disregarding theological, historical, hermeneutical, archaeological, and linguistic efforts, which greatly contribute to interpreting religious culture. It is concluded that biblical hermeneutics, conscious of the most faithful interpretation of the whole text, encompassing its nuances, discourses, audience, and culture, does not annul its sacredness but situates it in a concrete time, with real people and specific problems, reaching the most sublime meaning that the authors intended to convey when writing this type of literature.

Keywords: Biblical Interpretation, Hermeneutics, Corruption

Introdução

A palavra hermenêutica tem ocupado lugar central nos debates filosóficos, literários, teológicos e nas Ciências da religião, sobretudo, no que tange aos aspectos interpretativos da literatura bíblica² nas tradições religiosas cristãs. Essa reflexão teórica-metodológica vincula-se a uma série de pesquisadores como Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Bultmann, Gadamer e Ricoeur, que iniciaram um esforço epistêmico de reflexão hermenêutica e sua aplicação às ciências³. Não obstante, a caracterização desse exercício interpretativo passa a ser considerado a partir de premissas que levam em conta o conhecimento histórico dos fatos e suas subjetividades na produção dessas informações. Para Usarski, Teixeira e Passos⁴, a hermenêutica constitui um método de princípios fundamentais para a interpretação, explicação e compreensão de um objeto com rigor epistemológico.

² A definição de literatura bíblica empregada neste estudo refere-se à compreensão de Élcio Sant'Anna (2010). Para o autor, trata-se de um tipo de literatura gerada por comunidades religiosas, que conseqüentemente, são geradoras de tradições religiosas (SANT'ANNA, 2010. pág. 26). Não obstante, a mesma definição ecoa na conceituação de literatura bíblica de Eduardo Arens (2007), no qual o texto bíblico está escrito em um idioma com uma gramática, com maneiras de pensar e de expressar-se frequentemente distintas das nossas, e que falam de situações e histórias diferentes das que vivemos (ARENS, 2007. pág. 20). Desta forma, partimos da tese de que a literatura bíblica é um produto histórico, social, temporal e, conseqüentemente, humano.

³ USARSKI, Frank. TEIXEIRA, Alfredo. PASSOS, João Décio. *Dicionário de Ciências da Religião*. São Paulo. 1^a. Ed. Paulinas; Loyola; Paulus, 2022.

⁴ USARSKI, TEIXEIRA, 2022, p. 09

No horizonte das religiões – e aqui considerado o cristianismo (e suas variadas tradições) como ponto de crítica e reflexão desse estudo –, a hermenêutica da literatura bíblica apresenta-se como uma mediação entre as fontes históricas, linguísticas, arqueológicas, e a revelação do transcendente, que leva em consideração o “caráter divino e humano das Escrituras, sua inspiração e infalibilidade, a historicidade dos relatos bíblicos e a intencionalidade dos textos em comunicar sentido de maneira proposicional”⁵. Por esta razão, é importante assegurar a interpretação do texto à um método de crítica literária, adequado à decifração das contingencialidades (cultura e linguagem), que marcam a presença humana nas obras sagradas⁶, sendo possível uma aproximação das circunstâncias que compõem a linguagem textual dessas obras que vão desde o séc. X AeC, até o séc. I DeC⁷.

A observância da hermenêutica bíblica aproxima o “eu” leitor de uma mentalidade dos homens e mulheres autores(as) de escritos há muitos séculos atrás, onde estes textos estão situados e fazem todo sentido de ser, na qual a “crítica bíblica vem significar não simplesmente a investigação científica dos documentos bíblicos, mas um método [que sobrepõe], desde o início, o direito que o crítico tem de emitir juízos sobre as afirmações bíblicas como sendo ou não verdadeiras”⁸. Entendendo essas obras como um conjunto de informações que marcam uma comunidade, cultura, tempo e linguagens de formas específicas, e que não tem como destinatários o homem contemporâneo, mas a revelação de uma tradição linguística (ídiomas, gestos e costumes) e escriturária (cartas, atas, epopeias, novelas, poemas e mitos) de povos e suas experiências religiosas.

⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. O Dilema do Método Histórico-Crítico na Interpretação Bíblica. *Fides reformata*, v. 10, n. 1, 2005.

⁶ USARSKI, TEIXEIRA, 2022, p. 09.

⁷ De um ponto de vista cronológico, a literatura bíblica é muito mais recente, já que, segundo os estudos de Élcio Sant’Anna (2010) seus textos foram produzidos entre os anos 1050 AeC e 100 DeC, comparada com a literatura suméria, que remonta ao ano 2600 AeC e os Escritos das Pirâmides, que remontam ao ano 2350 AeC. Deste ponto de vista, as narrativas bíblicas relatam histórias acontecidas muitos séculos antes dos seus autores terem vivido, levando-nos a conjecturar a premissa de que outros textos deveriam ser consultados para melhor entendimento da própria ambientação bíblica.

⁸ SILVA, Moisés. Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica. *Fides Reformata*, v. 4, n. 2, 1999; MAIER, Gerhard. *The end of the historical-critical method*. Wipf and Stock Publishers, 2001.

Todas essas situações implicam nas formas interpretativas do texto, no qual a segurança de sua mensagem tal qual fora escrita, recai à aplicação do(s) método(s) hermenêutico(s) e de uma profícua análise histórico-crítica de seus alcances, limites, ideias de sagrado, cosmologia e linguagem⁹.

No entanto, os interditos entre a necessidade de uma interpretação textual coerente e a subjetividade de seu intérprete, abrem margem para um debate recorrente: o fundamentalismo na hermenêutica bíblica, fenômeno este que caracteriza uma corrente extensa que sustenta e propaga fundamentos de crença e política, em uma perspectiva fanática, proselitista, não-crítica e fechada para todo o diálogo¹⁰, no qual os fundamentos interpretativos são categóricos e dogmáticos.

Essa relação deixa um rastilho de pólvora nas formas interpretativas dos textos bíblicos quando considerado a subjetividade de seu intérprete: suas emoções, valores, cosmologias e desejo de poder que perpassam a interpretação da literatura sagrada e encarnam formas unilaterais de comportamento humano, sobrepondo de um trabalho hercúleo e de compreensão teórica-metodológica da Escritura, a qual chamo de corrupção hermenêutica.

Na subjetividade do intérprete, o paradigma sujeito-objeto integra uma concepção central na construção do sentido literário, indo na contramão da produção de saberes que poderiam ser oriundas da investigação teórica das enunciações do texto sagrado¹¹. Desta forma, superar esse binômio (sujeito-objeto) é realocar o sentido literário do texto, em vista das ações e interações humanas em sociedade e suas produções culturais, as quais essas narrativas fazem referência.

Portanto, trata-se como corrupção hermenêutica, a atitude ideológica que se impõe de forma soberana sob o texto sagrado e que recusa o caráter histórico, cultural, idiomático e étnico dessas produções textuais. São formas de manipulação da literatura bíblica avessa a hermenêutica e a crítica teórica, em prol do compartilhamento de ideais políticos, preconceitos, racistas e de atitudes sociais marcadas como “verdades de fé” fundamentada nos textos bíblicos, no qual esse tipo de abordagem coage os sujeitos por meio de interpretações ilusórias e descontextualizadas, tratando o

⁹ ARENS, Eduardo. *A bíblia sem mitos*. São Paulo: Paulus, 2007

¹⁰ ARENS, 2007, p. 25

¹¹ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Novos rumos na pesquisa bíblica. *Estudos Teológicos*, v. 46, n. 1, p. 22-33, 2006.

texto como “palavra direta de Deus”, sem marcas de personalidade de seus autores históricos e da condição cultural própria, gerando um tipo de comportamento religioso que está na base do fundamentalismo.

Dado o cenário, o objetivo desse artigo é refletir as questões interpretativas da literatura bíblica; seu proceder e as formas de configuração da corrupção hermenêutica, com a finalidade de promover diferentes abordagens de observação da temática. A reflexão que proponho deve ser considerada aberta – em construção – nascida de contextos concretos e práticos, que por vezes, passam despercebidos na articulação teórico-metodológica entre Linguagem e Religião.

A metodologia bibliográfica adotada neste estudo considera uma análise dos materiais já elaborados¹² acerca da temática. Trata-se de uma reflexão acerca das diversas posições do problema, permitindo uma cobertura básica do fenômeno.

Desta forma, as etapas iniciais da pesquisa consideraram a elaboração de um projeto de pesquisa; delimitação e elaboração metodológica e do problema, a fim de compreender a natureza da investigação e apresentar um modelo teórico-metodológico possível.

As etapas de coleta foram: Levantamento bibliográfico preliminar, entendido como um estudo exploratório das fontes com a finalidade de dar clareza a proposta da pesquisa¹³; Identificação das fontes, capazes de fornecer as respostas mais adequadas ao problema; Localização das fontes, considerando o banco de teses e dissertações da CAPES, Artigos publicados na SCIELO e nos periódicos indexados no Google Scholar, ReseachGate e Zenodo; Obtenção do material e sistematização por tema, conceito e autor com o auxílio dos softwares de pesquisa Mendeley Desktop 1.0 e MAXQDA 2020.

As etapas de análise dos dados consideraram: Leitura exploratória do material; seleção dos principais autores e conceitos; análise das principais discussões que cercam o tema de investigação; sistematização das ideias chaves com o uso do software MAXQDA 2020 e Fichamentos dos principais textos.

A interpretação e discussão dos dados foi sistematizada a partir das etapas metodológicas de tipo bibliográfica; dos fichamentos, que possibilitaram a construção lógica do texto consistindo na

¹² GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2000.

¹³ GIL, 2000, p. 34

organização das ideias centrais com vistas a atender os objetivos¹⁴; e na redação final deste artigo.

Hermenêutica e Linguagem

As complexas relações entre Linguagem e Religião têm sido objeto de estudo nas Ciências Humanas (sobretudo, no campo da Teologia e das Ciências da Religião) há algumas décadas no Brasil, embora, em muitos casos, não estejam articuladas em um campo de pesquisa específico. Quando se analisam as narrativas, mitologias, cartas, epopeias, contos, estórias de vida e experiências de fé presentes na construção da literatura bíblica, se abordam (direta e indiretamente) formas hermenêuticas para a interpretação da linguagem presentes nessas questões, no qual, não obstante, as hermenêuticas bíblicas são colocadas em torno desse rigor e precisão terminológica e conceitual¹⁵, a fim de compreender códigos estruturantes da experiência religiosa.

Desta forma, a relação significado-significante entre o sujeito e o transcendente, reflete uma condição linguística da religião ao dizer que a experiência religiosa se torna social por meio das convenções linguísticas¹⁶, no qual a experiência metafísica se torna coletiva, compartilhável, comunitária e narrativa por meio das possibilidades da linguagem. Não obstante, ao rememorar experiências, como o sacrifício de Abraão e Isaac (Gênesis, 22, 1-24)¹⁷, a vitória de Nabucodonosor no terceiro ano do reinado de Joaquim (Daniel, 1, 1-21)¹⁸ e o retorno dos filhos de Israel depois da vitória do Rei Ciro (Isaías 45, 1-25)¹⁹, refletem-se instrumentos estruturados linguisticamente, em que a experiência religiosa e linguística é um elemento determinante narrativo, à medida que a história é transmitida por meio de hinos, orações, mantras, etc.

Desta forma, a compreensão dessas conjunturas ocorre pelo aprendizado das imagens, gestos, classificações, hierarquias, árvores

¹⁴ GIL, 2000, p. 34

¹⁵ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Rev. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, p. 240-261, 2016.

¹⁶ NOGUEIRA, 2016, p. 07

¹⁷ TORÁ, A LEI DE MOISÉS. 1^a. Ed. Sêfer. V. 2017. São Paulo, 2017.

¹⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1^a. Ed. Paulus. 13^a. Reimp. v. 2013. São Paulo, 2019.

¹⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1325.

genealógicas de seres divinos e iluminados, de ações valorizadas e outras interditas, que só aparecem diante dos estudos hermenêuticos destas mesmas sobreposições literárias e interações dos códigos semióticos em tensão, ao passo que a compreensão histórica se torna tangível se considerarmos o engendramento das narrativas ao seu lugar próprio, deixando-as falar como se fossem um Raio-x que revela uma cultura, sociedade, política, relações interpessoais, conflitos e personagens que marcam toda uma história de onde estes textos advêm.

Ao caracterizar a literatura bíblica como linguagem, reconstitui-se – por intermédio dos elementos históricos, antropológicos e culturais – uma face humana escondida por detrás das palavras, caracterizando essas narrativas como obras das relações e experiências interpessoais do homem, no qual é possível entender o texto bíblico como uma expressão literária de caráter social, redigido na “linguagem do tempo e da cultura de seus autores, que era também a de seus respectivos receptores, pois foi para a pessoa de seu tempo que eles escreveram”²⁰. Para Élcio Sant’Anna, a literatura bíblica é um produto de contexto muito específico, que toca em aspectos importante da vida, já que é fruto do “gênio humano”²¹.

Desta forma, a literatura bíblica como produção humana, histórica e arqueológica, precisa ser entendida a partir de determinados métodos científicos que visam, não somente explicitá-la, mas desvelar o seu contexto, o público, a cultura e o povo para o qual estes textos foram escritos e que, portanto, passaram a significar por muitos séculos a existência de toda uma política social em torno destas obras. De forma que sua compreensão só se torna efetiva se detivermos o “mínimo de familiaridade com a maneira de pensar, com as imagens, o vocabulário e com a maneira que os autores dos escritos bíblicos tinham de entender o homem e o mundo”²².

Por influência epistemológica das Ciências da Religião, defendo a ideia de que devemos analisar a literatura bíblica dentro do registro dos gêneros religiosos presentes em suas narrativas, em função de um compromisso analítico da literatura, observando as “funções de mitos fundantes e etiologia de santuários e cemitérios; lendas de heróis e martírios de piedosos; sagas de pioneiros e fábulas morais; inventivas doutrinárias e ações simbólicas”²³.

²⁰ARENS, 2007, p. 35.

²¹SANT’ANNA, Elcio. *Literatura e Religião: Um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo. Ed. Editora Reflexão, 2010.

²²ARENS, 2007, p. 38.

²³SANT’ANNA, 2010, p. 33.

Esse esforço epistêmico de compreensão dos códigos linguísticos que significava esse mundo religioso expresso nas literaturas bíblicas, é um passo fundamental para emergir possibilidades de interpretação do texto mais fidedignas aos seus contextos, já que a literatura religiosa apresenta valores de ambiência que só podem ser entendidos a partir da contextualização de uma cultura do Oriente Médio²⁴. É nesta busca das chaves de compreensão do que o texto quer falar, que a hermenêutica atua, já que esta é a ciência e, respectivamente, a arte da interpretação²⁵. Desse modo, muito mais que possibilitar subsídio para uma boa compreensão do texto bíblico, a hermenêutica é, para Nascimento (2012): 1) um método de conjunto e procedimentos; 2) uma forma ordenada de se analisar um objeto; 3) um jeito de olhar – que não leva em conta o aparente, mas a perscruta através dos interditos e implícitos na própria narrativa.

Não obstante, a hermenêutica dos textos bíblicos constitui um método investigativo que considera o todo de um texto: sua cultura, redator, público e sociedade; constituindo uma noção panorâmica acerca do conteúdo e sua materialidade²⁶. Assim, do mesmo modo que os estudiosos da cultura buscam entender os comportamentos, os costumes, os rituais e as leis que tem diante de si, os intérpretes da literatura Bíblica devem entender o mundo bíblico como um sistema cultural, repleto de valores, políticas, costumes, crenças e relações sociais muito bem articuladas²⁷.

Percebe-se que este esforço interpretativo é fundamental para se chegar ao valor que os autores quiseram empregar ao texto, sem distorções ou percepções equivocadas. O método hermenêutico, nesse sentido, busca dar chão para galgar passos seguros, no intuito de chegar ao melhor da mensagem bíblica, percebendo suas entrelinhas e as influências. Segundo Élcio Sant'Anna, essa busca pela compreensão deve considerar o estágio em que a religião produziu seus mitos, sistemas de crenças, ritos, narrativas originárias etc. Por isso, discutir unidade, história, forma, linguagem, ideias, conceitos e mensagem é importante, não somente para o texto bíblico, mas para

²⁴ SANT'ANNA, 2010, p. 33.

²⁵ BRITO, R. E. G. et al. *A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento*. Amazonas: UFAM, 2016

²⁶ NASCIMENTO, L. O método exegético de Milton Schwantes. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 55-63, jul./dez. 2012.

²⁷ SANT'ANNA, 2010, p. 66.

o conhecimento das formas de recepção dessa literatura na vida dos leitores²⁸.

Ler essas narrativas com todo este aporte teórico-metodológico é dialogar com seus autores, “esforçando-se para apreender a sua real intenção e compreender o seu espírito por intermédio da decifração de suas obras com vista à compreensão, conceito básico e principal finalidade de toda questão hermenêutica”²⁹, compreendendo as formas pelos quais essas literaturas foram preservadas no Oriente Médio. Assim, essas narrativas trazem em si uma função normatizadora das práticas religiosas em prol de determinados ideais, mandamentos e legislações que visam um tipo de organização social, onde esses conjuntos narrativos, poemas e cartas não visam dar conta das complexidades contemporâneas atuais, mas de uma realidade própria do seu tempo, funcionando como uma fotografia dos povos do Oriente Médio e como uma representação de episódios e encontros culturais acontecidos no passado, naquela região³⁰.

Entender essa premissa é fulcral para uma interpretação da literatura bíblica mais próxima de seu contexto, ao passo que o uso do método hermenêutico na interpretação dessas narrativas possibilita-nos observar o macro e o micro das relações textuais, e o que lhe constitui enquanto tal.

2. Interpretação Bíblica e Compreensão Textual

No campo da interpretação bíblica, apresenta-se uma perspectiva de que, sendo um conjunto de textos inspirados por Deus, não contém equívocos. Assim, os relatos da criação em Gênesis; a libertação do povo de Israel no Livro do Êxodo ou a encarnação do Mashiaich³¹ presente nos Evangelhos sinóticos; sejam considerados (em sua forma literal) como palavras da própria divindade. Esse tipo de perspectiva abre margem para uma série de problemas

²⁸ SANT'ANNA, 2010, p. 77.

²⁹ BRITO, 2016, p. 08.

³⁰ SANT'ANNA, 2010, p. 77.

³¹ Nos Evangelhos do Novo Testamento "o ungido", salvador e libertador dos cativos de Israel foi Yeshua (Jesus - 30-32 AeC). O conceito de mashiach (messias), messianismo e da Era Messiânica se originam no Judaísmo e na Bíblia hebraica, onde o mashiach é o rei ou o Alto Sacerdote tradicionalmente ungido com óleo da santa unção. Segundo a tradição Cristã, Yeshua foi o mashiach filho do Eterno, o redentor da humanidade.

fundamentalistas que se referem diretamente à exegese do texto e as formas de vida dos religiosos.

O fundamentalismo na interpretação bíblica representa a batalha contra o secularismo e a reconquista do mundo para Deus, mostrando que a religião está longe de ser uma força falida, mas uma força de fé combativa que se vê lutando pela sobrevivência num mundo hostil³². O respaldo na literatura bíblica legítima, em certa medida, essa cruzada, ficando clara a divisão entre religiosos e secularistas que não falam a mesma língua e nem partilhavam as mesmas ideias.

Esse tipo de perspectiva obstaculiza o modo de se aproximar dos textos bíblicos, em que toda a força narrativa dessa literatura é direcionada para um tipo arbitrário de interpretação interessada do seu intérprete, no qual o cerne da questão reside numa leitura acrítica desses textos³³. Ao longo da história, esse tipo de leitura justificou muitas violências e assassinatos contra as mulheres acusadas de bruxaria, pessoas suspeitas de heresias, povos de outras religiões, etc³⁴. Na contemporaneidade muitas dessas violências ainda são fundamentadas na Bíblia, na qual cultos de matrizes africanas, populações originárias, pessoas de orientação sexual diferente, são vilipendiadas em nome de Deus e da cristandade.

Esse tipo de leitura nega a historicidade dos textos bíblicos e reivindica o caráter de revelação direta de Deus e de absoluta inerrância³⁵, transformando a literatura bíblica em um livro divino, sem história, aparecendo de forma absoluta e universal, gerando as condições necessárias para o fundamentalismo, preconceitos, racismos, intolerâncias religiosas, etc.

Para o intérprete fundamentalista, o cristianismo está irrevogavelmente unido à infalibilidade (inerrância) da Bíblia, e os escritores foram inspirados por Deus de tal forma que foram preservados de qualquer erro ao registrar a experiência mística, sendo, portanto, as palavras infalíveis de Deus. É uma lógica do tudo

³² ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Editora Companhia das Letras, 2009.

³³ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. *Ribla*, v. 88, n. 3, p. 23-34, 2022.

³⁴ KONINGS, J. *Heremênutica da tradição cristã no limiar do século XXI*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

³⁵ BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília. DF, 2016.

ou nada³⁶. Esse tipo de leitura desconsidera o uso apropriado dos instrumentos científicos para a investigação bíblica, ou, quando muito, utiliza meios não muito adequados a fim de “comprovar” a veracidade dos textos bíblicos³⁷. Tendo isso em vista, a leitura fundamentalista reflete uma opinião unânime, que não aceita a rejeição, mas quer o caráter de legitimidade que a muito é atribuída pelo status do intérprete. É um tipo de interpretação viciada, que tem uma mensagem específica, direcionada e um público. Neste sentido, a corrupção hermenêutica se instaura e se diferencia de outros tipos de leituras e interpretações, pela sua recusa em aceitar a condição de que o próprio texto possui um sentido que não é, em muitos casos, o que lhe foi atribuído.

O intérprete corrompe o sentido do texto de forma consciente, buscando alcançar seu objetivo. Nesse processo, não se leva em conta a distância temporal que nos separa dos textos antigos, escritos em outras línguas, em outro mundo e segundo critérios de uma cultura diferente. Desconsidera-se, também, que esse tipo de literatura reflete uma sociedade dos primeiros séculos depois da era comum (DeC) e utiliza uma linguagem diferente, em que, embora traduzidas em nossa língua, isso não significa que a compreendamos corretamente³⁸. Daí a necessidade de se fazer uma hermenêutica adequada, situando o texto no contexto, ambiente sociopolítico e cultural onde surgiu, sendo imprescindível discernir o gênero literário utilizado pelos seus autores. Neste aspecto, as ciências modernas são muito úteis na mediação entre o texto bíblico e o seu entorno histórico e literário³⁹. Em vez de inerrância bíblica, seria mais apropriado falar sobre contextualidade dos escritos bíblicos.

Destoar deste propósito é, primeiro, desconsiderar que a Bíblia em si já é um fruto de interpretação de homens e mulheres que ao longo da história se dedicaram ao trabalho de redação e autoria desta

³⁶ HUMANOS, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS. Acesso em <<https://www.ct.ufpb.br/lacesse/contents/documentos/legislacao-internacional/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-1948.pdf/view>>. Acesso em: 01 de Abr. de 2024.

³⁷ LEANDRO, Carlos André da Cruz. A persistente leitura fundamentalista da Bíblia. *Revista Brasileira de Interpretação Bíblica*, v. 4, n. 8, p. 325-338, 2023.

³⁸ JUNIOR, Paulo Gracino; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrôpole*, v. 23, p. 547-580, 2021.

³⁹ ABREU, Hebert Costa de. A relação entre os evangélicos e o bolsonarismo e suas consequências na educação. Dissertação. [Mestrado]. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, Niterói, 2023.

literatura, e em segunda instância, é trazer o texto com toda a sua carga para uma compreensão reduzida à subjetividade, já que “o sentido original do texto é muitas vezes distorcido por esse tipo de interpretação”⁴⁰.

Desvencilhar a literatura bíblica de métodos interpretativos e lhes agrupar à estrita subjetividade é um problema crítico ao exercício exegético, já que “não temos o direito de inventar a mensagem, ou adaptá-la aos nossos gostos particulares, diminuí-la ou ampliá-la segundo os desmandos do nosso próprio tempo”.

Considerar uma única forma de ver a literatura bíblica é ter à consciência deliberada de que não se está manipulando somente o texto, mas o sagrado que se expressa por meio desta mesma literatura, bem como toda uma comunidade que se reúne em volta deste, recriando com tamanha criatividade e destreza um novo sentido textual, no qual “o resultado não é apenas um filme mais envolvente, mas também uma espécie de história repleta de coisas que não foram verdadeiras”.

Neste cenário de controle e jogos de interesses é que surge a corrupção hermenêutica, como um conjunto de ações conscientes que visam controlar e manipular um grupo de pessoas religiosas utilizando a má fé ao interpretar os textos bíblicos, condicionando estes sujeitos aos interesses do intérprete que tomam o texto “por pretexto, e expõem unicamente as suas ideias. As interpretações são arbitrárias e fantasiosas”.

A que chamo de corrupção hermenêutica é uma condição entre a subjetividade e o fundamentalismo do intérprete. Embora, não seja o fundamentalismo em si, ela favorece as condições para o seu surgimento, caracterizada no senso comum, nos desejos, afeições e ideologias que formam o sujeito, criando sua particularidade ao interpretar esse tipo de literatura, caracterizando um estado de pré-fundamentalismo.

Nessa pré-condição fundamentalista, o mundo é marcado pelo caos, em que o sentido da vida está na experiência religiosa continuamente confirmada nos textos bíblicos. Assim, quadros de problema psicossociais, uso de psicoativos, narcóticos, álcool, problemas matrimoniais, relações de gênero e temas como sexo na juventude enquadram tipos de comportamentos que precisam ser inibidos ferozmente em um esquema predominante religioso e de

⁴⁰ PY, Fábio; SHIOTA, Ricardo; POSSMOZER, Michelli. EVANGÉLICOS E GOVERNO BOLSONARO: aliança nos tempos de COVID-19. *Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 22, n. 2, p. 384-406, 2020.

referência bíblica. A coação pelo medo escatológico e a perda da salvação se tornam fundamentais nesse estágio, onde os acontecimentos são sempre interpretados em um grande sistema de sentido e de sensação de controle das experiências, a fim de uma pretensa possibilidade de resultados positivos – A salvação. Nessa etapa, o sujeito busca negar seus impulsos biológicos e as necessidades relacionais em virtude do que lhe foi ensinado como revelação divina, no qual toda a atribuição de sentido ancora-se no campo da religião e do sagrado, chegando a um estado de fundamentalismo.

Desta maneira, o problema não está na literatura bíblica ou em sua forma de ser, mas nos critérios interpretativos do intérprete, no que se leva em conta ao interpretar e na índole de quem interpreta, no qual o texto pode assumir o caráter de abismos para uns, e escada de salvação para outros. O que se leva em conta não é o texto em si, mas os caminhos que ele pode percorrer ao longo de uma interpretação, bem como o público ao qual se dirige, de forma que o processo interpretativo depende da maturidade do intérprete ao conduzir o texto bíblico por meio da interpretação.

Nesse sentido, o texto corre risco de desvio ao depender do direcionamento do sujeito, haja vista que a Bíblia deve ser vista em continuidade com a experiência que a provocou e que ela traduz, e ainda como iluminada por sua história de efeitos. O sentido da consignação escrita se desdobra na contemplação de sua leitura posterior e de seus efeitos históricos. Ou seja, a escritura bíblica deve ser situada no grande fluxo histórico e vivencial que, vindo desde os primórdios cristãos, nos alcança e nos carrega hoje em seu sentido histórico, cultural, idiomático e cosmológico.

3. A Hermenêutica Bíblica e os Jogos de Interesses

A interpretação da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) sugere que o país defenda legalmente a tolerância em relação à diversidade religiosa, com o pressuposto da laicidade, sendo um governo neutro na matéria. Tanto a CF de 1988 quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴⁶ salientam o dever do Estado em garantir o direito à diversidade religiosa e suas manifestações na coibição do proselitismo religioso. Nesse cenário, há de se observar que o jogo ideológico, religioso e político utiliza linguagens muito próximas, o que se contrapõe à realidade de um país plural e de diálogos.

A estrita relação entre essas dimensões acaba tornando-se temas contemporâneos de caráter interdisciplinar pungente, já que se encontram na esteira de um proselitismo presente em âmbitos parlamentares desde que se tornaram temáticas relevantes no cenário político, revelando a capacidade catalisadora de energias sociais, capazes de mobilizar massas e interferir politicamente em proporções globais.

No Brasil, a religião elege governos, interfere nas políticas públicas e assistencialistas, além de ser fundamental para a aprovação de projetos e medidas constitucionais. Não obstante, estudos recentes, mostram que a presença religiosa, sobretudo evangélica, foi determinante na articulação política das eleições que elegeram o ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (PL).

Esse intenso alinhamento entre política e religião representa uma tentativa de hegemonia religiosa no país a partir do momento em que os valores conservadores se fundem com o fazer político, e cada vez mais, outros segmentos religiosos se somam nessa empreitada, como a *Opus Dei*, A Sedevacantista e a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Desde 2018 com o advento do Governo Bolsonaro, outros movimentos, como os Aarautos do Evangelho, O Caminho Neocatecumenal, as Novas Comunidades Religiosas Carismáticas que surgiram à luz do Concílio Vaticano II, Ordens Sacerdotais diversas, Bispos tradicionalistas, Padres e outros sujeitos reacionários estão se unindo nesta “guerra-santa” contra o secularismo, marcando seus espaços na Política Nacional.

Mas esta não é uma peculiaridade do Brasil. Segundo os estudos de Silveira e Junior, esse movimento de política e religião é transnacional e abarca todos os segmentos da vida religiosa. Os mesmos padrões que aqui se apresentam, foram identificados na política da França, Espanha, Estados Unidos e Argentina. No Equador, por exemplo, a presença do Pastor Gerson Almeida foi fundamental para marcar a expansão do movimento evangélico na América do Sul, e no Peru, a presença majoritária de cristãos neopentecostais na ala centro-direita do País é a segunda maior força do parlamento.

Segundo o relatório do Centro Estratégico Latino-Americano de Geopolítica, intitulado “Igrejas Evangélicas e Poder Conservador na América Latina”, “os evangélicos exploram politicamente seu grande desempenho midiático, graças a suas próprias emissoras, canais de televisão e redes sociais, que deixam em desvantagem os demais candidatos do sistema político”. Esses meios de comunicação são caracterizados por uma enorme capacidade econômica e são fervorosos defensores do neoliberalismo e da sociedade de consumo.

No âmbito dessas interseções, apresentam-se questões teológicas centrais de interpretações bíblicas importantes para entender o cenário político.

Vale destacar que esse movimento global de atores e agentes, que se movem no espaço parlamentar, nos bastidores das assembleias legislativas, nas marchas públicas e tantos outros lugares, têm uma pauta sociorreligiosa de defesa da família (nuclear patriarcal reprodutiva), de um tipo de sociedade (centro-direita) e política (democracia representativa liberal), que visa, sobremaneira, uma nova lógica social. Nela as questões de gênero, de sexualidade, de reprodução, de matrimônios e de educação ganham novos contornos assegurados em um tipo de teologia cristã fundamentalista e na interpretação dos textos bíblicos. Na esteira dessa mentalidade, não existe a possibilidade de especular sobre o transcendente; a existência de seres sobrenaturais; o mito da criação com seus personagens e narrativas ou suas sagas. Simplesmente acredita-se tal qual, sem prova ao mérito ou questão de especulação. Esse tipo de comportamento elabora uma espécie de teodiceia prejudicial ao pensar num deus como único autor de tudo, e torna, a literatura bíblica, seu trunfo, no qual o escritor é tão somente um secretário. Nesta visão, não importa os erros gramaticais da literatura, as diferenças no estilo, as incoerências e contradições entre esses mesmos textos. É simplesmente a palavra de Deus, e discordar dela está fora de questão!

Mas se esta premissa está correta, e a própria divindade é autora da sua obra literária, seria ela inconsistente consigo mesma? Teria ela permitido a escravidão do povo de Israel (Gênesis 15.13), por exemplo, sem ter uma crise ética e moral? Teria ela permitido a poligamia (Gênesis 4:19; 16:1-4; 29:18-29) para depois aboli-las (João 8:28; Mateus 19:4, 5; 1 Coríntios 7:2; 1 Timóteo 3:2, 12)? Esses são alguns exemplos que o fundamentalismo religioso não pode responder, pois é insensível à dimensão racional e simultaneamente temporal da própria razão. É um ato anti-hermenêutico na sua recusa de interpretação que lhe possa disputar o domínio.

A absolutização de uma visão fragmentária, abstrata e acrítica, que se converte em concepção única de mundo. Mas, se estas questões passam despercebidas por um lado, outras são muito bem exploradas e refinadas para um fim formativo, tais como as interpretações da sexualidade presente nesse tipo de literatura. Nelas, os cristãos reacionários postulam que a partir da criação do homem formou-se uma unidade heterossexual que determinou a primeira forma de 'família tradicional'. Essa perspectiva de família nuclear é considerada como o tipo sacro-ideal, principalmente pelos mais conservadores.

Partindo desse princípio, qualquer união que fuja a esse padrão, como no caso da união homoafetiva, é contra os desígnios de Deus. Nessa intencionalidade a corrupção hermenêutica aparece, refletindo as ideologias fundamentalistas que se estruturam a partir dessa interpretação da literatura bíblica, o que posteriormente gera os discursos em que a homossexualidade deve ser rechaçada como abominação, anormalidade, doença, etc.

Segundo Arlindo Rocha, esse tipo de discurso fundamentado no texto bíblico possibilita um tipo de intolerância que muitas vezes encontra-se legitimado através de passagens isoladas da Bíblia, as quais são interpretadas de forma literal, sem critério metodológico, histórico, linguístico, antropológico e teológico, mostrando assim, que Deus é contra a homossexualidade (Gênesis 19:1–13; Levítico 18:22; 20:13; Romanos 1:26–27; 1 Coríntios 6:9).

A interpretação tendenciosa desse tipo de literatura moldou uma certa dimensão religiosa do País, a ponto de líderes religiosos entregarem ao Senado um abaixo-assinado contra a lei anti-LGBTfobia, o qual fora apoiado por um milhão de pessoas. Segundo os dados do Portal *Politize!* (2024), a ampla oposição foi baseada na afirmação de que o projeto de lei feriria a liberdade religiosa e de expressão. Por conta disso, a PLC 122/2006 ainda encontra-se parada no Senado brasileiro e as sucessivas violências contra as pessoas LGBTQIAP+ só aumentam. Segundo os dados de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2022), entre 2000 e 2022, 5.635 pessoas morreram em função do preconceito e da intolerância de parte da população. Em 2022, registraram-se cerca de 273 mortes de pessoas LGBTI+, no qual entre os motivos aparecem as questões de intolerância sexual e religiosa, que em minha análise, encontram resguardo na corrupção da hermenêutica bíblica.

Essa questão da interpretação textual para um uso pérfido da “palavra de Deus” também está presente em outros contextos de violências, como no caso das religiões de Matrizes Africanas. Segundo

os estudos de intolerância religiosa^{41 42 43}, as interpretações do texto bíblico ainda associam as práticas religiosas das tradições afrodiáspóricas com a figura do diabo cristão, o que traz consequências nefastas para a população negra. Nesse contexto, ainda há quem acredite que essas tradições cultuem essa entidade mitológica, a qual sequer existe em qualquer dos panteões trazidos de África (Santana, Santos, 2021)⁴⁴.

Em contrapartida, essa visão sobre a religiosidade de matriz africana está arraigada na estrutura de significados herdada do período colonial cristão-católico, e é reforçada, principalmente, pelo neopentecostalismo que adotaram para si a missão de eliminar o mal do mundo e apontam as entidades africanas como a própria manifestação desse mal absoluto. Tais fatores contribuem para fomentar a intolerância contra o povo negro e suas práticas ritualísticas. Segundo o II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe (2022)⁴⁵, a injúria religiosa dirigida a essas pessoas representa 26% do total de casos de intolerâncias mapeados no ano, podendo ter ameaças e até agressão física. As injúrias a comunidade religiosa representam 23,9% dos casos, também podendo conter ameaças. As vandalizações dos templos representam 21,7% dos casos, podendo conter injúrias religiosas à comunidade, incêndio e até roubo. O mesmo documento ainda cita crimes por atropelamento, homicídio, vandalismos e injúrias, no qual a maioria dos motivos está associada à compreensão de que as religiões de matrizes africanas são “coisas do Demônio”⁴⁶.

⁴¹ MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Intolerância Religiosa e Discriminação Racial: Duas Faces de um Mesmo Problema Público?. In. LIMA, Antonio Carlos de Souza. Et. Al. (ORG). *A Antropologia e a Esfera Pública no Brasil Perspectivas e Prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º Aniversário*. 1ª. Ed. E-papers. Rio de Janeiro, 2018.

⁴² TORRES, Maycon Rodrigo da Silveira; MARTINS, Natasha. Intolerância religiosa e a demonização de religiões de matriz africana na “pandemônia”. *Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 301-319, 2021.

⁴³ SANTANA, Cleilton Pazini; DOS SANTOS, André Filipe Pereira Reid. O Demônio São os Outros: a discriminação ao Candomblé como manifestação do racismo. *Revista Calundu*, v. 5, n. 2, 2021.

⁴⁴ SANTANA, 2021, p. 08.

⁴⁵ II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe. 1. Ed. Rio de Janeiro. CEAP, 2022. Disponível em:

<<https://gilvander.org.br/site/wp-content/uploads/2023/01/II-Relatorio-sobre-Intolerancia-Relgiosa-no-Brasil-AL-e-Caribe-21-01-23-1.pdf>>.

Acesso em: 01 de Abr. 2024.

⁴⁶ II Relatório sobre Intolerância Religiosa, 2024, p. 55.

O mesmo documento ainda apresenta o perfil religioso dos suspeitos. Para Relatório (2022), as principais denominações são: Evangelho Quadrangular, com 16 casos; Católica Apostólica Romana, com 14 casos; Assembléia de Deus, com 13 casos; Testemunhas de Jeová, com 8 casos; Pentecostais/Neopentecostais, com 6 casos; Congregação Cristã no Brasil, com 6 casos; Adventista do Sétimo dia, com 4 casos; Universal do Reino de Deus, com 3 casos; Batista, com 2 casos e Católica Ortodoxa, com 1 caso. Segundo o mesmo relatório (2022), o principal motivador para os crimes foi a crença em que se defendia a Bíblia como a Palavra de Deus absoluta, inerrante e plena de autoridade, e que permanece comprometido com a doutrina e a prática da santidade⁴⁷.

São a partir desses cenários complexos que a corrupção hermenêutica, enquanto movimento que antecede as práticas de fundamentalismo, se circunscreve, transformando o campo bíblico em seu cavalo de batalha. Apesar disso, a leitura desse tipo de literatura que vai se caracterizar como fundamentalista está longe de ser homogênea. De sorte que, em doses diferentes, seus pressupostos podem ser encontrados por todas as denominações cristãs, em que o texto bíblico encarna aspecto de sacralidade isenta de erro, sendo lida e interpretada literalmente em todos os “seus detalhes”, e nesse sentido, o intérprete – em plena consciência de sua corrupção interpretativa da literatura – aceita a supremacia da revelação e da fé sobre a razão, desconsiderando qualquer contribuição que essa possa trazer à compreensão textual, incorrendo nas situações complexas das relações sociais, políticas e religiosas.

Conclusão

Neste artigo buscou-se oferecer uma reflexão sobre a hermenêutica bíblica, compreendida como uma literatura construída ao longo da história no Oriente Próximo, a qual reflete alguns fatos concretos, datados e, algumas vezes, detalhados, de experiências em que as pessoas daquela região viviam, e que consideravam ser dignas de registros e contadas de geração em geração. Esses conjuntos de textos possibilitaram tipos de organizações societárias com mecanismos, ritos, mitologias e festas que se modificaram no decorrer dos séculos.

Como produção humana, é natural que contenha erros, mas “erro” aqui não é sinônimo de mentira, falseabilidade da verdade com o objetivo de enganar outrem, e sim, erros que decorrem das limitações do conhecimento de seus escritores, de suas traduções,

⁴⁷ II Relatório sobre Intolerância Religiosa, 2024, p. 55.

apropriações simbólicas, de significado e significante da linguagem, na qual se torna muito complicado uma prática espiritual moralizante que tome o texto em sua integralidade como orientador das relações interpessoais.

Nesta perspectiva, a hermenêutica da literatura é fundamental e deve incluir não só métodos interpretativos das Ciências Naturais, Sociais e Psicológicas, mas também, esforços por maior precisão em interpretar as linguagens, literatura, história, poemas, narrativas, canções, epopeias, listas e discursos proféticos, os quais compõem a narrativa bíblica como uma espécie de reflexão englobante com o objetivo de compreender o real da mensagem.

Penso que essa seja a melhor forma exegética: tenta situar o texto bíblico em estrutura social apropriada, levando em conta as relações literárias e históricas entre as partes e o todo. Fugir disso é cair no que chamo de corrupção hermenêutica: ato livre, consciente, com objetivo em ludibriar outrem ou de negar-lhe um esclarecimento em prol de ideologias, desejos e vontades do intérprete, que aqui pode ser qualquer sujeito (leigos, Padres, Bispos, Pastores, etc.).

Nesse último ponto, gostaria de ressaltar que o sujeito em corrupção hermenêutica não pode ser considerado como um exegeta, mas como um leitor. A exegese exige metodologia científica, e esse tipo de leitura dos textos bíblicos excluem a observação crítica e científica. É um suicídio do pensamento, em que a razão nunca poderá se opor as verdades reveladas.

Referências

ARENS, Eduardo. *A bíblia sem mitos*. São Paulo: Paulus, 2007.

ABREU, Hebert Costa de. *A relação entre os evangélicos e o bolsonarismo e suas consequências na educação*. Dissertação. [Mestrado]. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, Niterói, 2023.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Editora Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de; PESTANA, Alvaro César. Os desafios do fundamentalismo para os estudos bíblicos e teológicos. *Revista Encontros Teológicos*, v. 37, n. 3, 2022.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Candidatura de Pastor no Equador Reforça Domínio Evangélico na América Latina*. Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/candidatura-de-pastor-no-equador-reforca-dominio-evangelico-na-america-latina.shtml>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1ª. Ed. Paulus. 13ª. Reimp. v. 2013. São Paulo, 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília. DF, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 122, de 2006 [Criminalização da Homofobia]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

BRITO, R. E. G. et al. *A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento*. Amazonas: UFAM, 2016.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos" guerras santas": dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista USP*, n. 81, p. 173-185, 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Lei contra LGBTfobia deve assegurar mesmos direitos já concedidos pelo STF, defendem debatedores*. Agência Câmara de Notícias. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/963132-lei-contralgbtfobia-deve-assegurar-mesmos-direitos-ja-concedidos-pelo-stf-defendem-debatedores/>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

CENTRO ESTRATÉGICO LATINO-AMERICANO DE GEOPOLÍTICA. *Igrejas Evangélicas e Poder Conservador na América Latina*. CELAG. Disponível em: <https://www.celag.org/iglesias-evangelicas-poder-conservador-latinoamerica/>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

DOSSIÊ DE MORTES E VIOLÊNCIAS CONTRA LGBTI+ NO BRASIL. Dossiê 2022. Florianópolis. Ed. Acontece Arte e Política LGBTI, 2022.

FOWKS, Jacqueline. *Quarta força no Congresso peruano, partido ultrarreligioso acredita que mulheres devem ser submissas*. O Globo. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/mundo/quarta-forca-no-congresso-peruano-partido-ultrarreligioso-acredita-que->

mulheres-devem-ser-submissas-24215155>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2000.

GOTTWALD, N. *Introdução Socioliterária à bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

HUMANOS, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS. Acesso em <<https://www.ct.ufpb.br/lacesse/contents/documentos/legislacao-internacional/declaracao-universal-dos-direitos-humanos-1948.pdf/view>>. Acesso em: 01 de Abr. de 2024.

JUNIOR, Paulo Gracino; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, v. 23, p. 547-580, 2021.

KONINGS, J. *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LEANDRO, Carlos André da Cruz. A persistente leitura fundamentalista da Bíblia. *Revista Brasileira de Interpretação Bíblica*, v. 4, n. 8, p. 325-338, 2023.

LIMA, A. História cultural e exegese bíblica: reflexões sobre as contribuições da história cultural para a metodologia exegética. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 351-365, set./dez. 2019.

LOPES, Augustus Nicodemus. O Dilema do Método Histórico-Crítico na Interpretação Bíblica. *Fides reformata*, v. 10, n. 1, 2005.

MAIER, Gerhard. *The end of the historical-critical method*. Wipf and Stock Publishers, 2001.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Intolerância Religiosa e Discriminação Racial: Duas Faces de um Mesmo Problema Público?. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza. Et. Al. (ORG). *A Antropologia e a Esfera Pública no Brasil Perspectivas e Prospectivas sobre a Associação Brasileira de Antropologia no seu 60º Aniversário*. 1ª. Ed. E-papers. Rio de Janeiro, 2018.

NASCIMENTO, L. O método exegético de Milton Schwantes. *Revista caminhando*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 55-63, jul./dez. 2012.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Rev. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, p. 240-261, 2016.

POLITIZE!. *LGBTfobia no Brasil: fatos, números e polêmicas*. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.

PY, Fábio; SHIOTA, Ricardo; POSSMOZER, Michelli. EVANGÉLICOS E GOVERNO BOLSONARO: aliança nos tempos de COVID-19ID-19. Confluências: *Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 22, n. 2, p. 384-406, 2020.

RIBEIRO, R. Exegese bíblica. Minas Gerais: FBMG, 2000.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. *Ribla*, v. 88, n. 3, p. 23-34, 2022.

ROCHA, Arlindo Nascimento. A homossexualidade e o cristianismo conservador: a face cristã da intolerância religiosa espelhada na Bíblia. *Rev. Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. ano, 2019, v. 4, p. 68-92.

SANT'ANNA, Elcio. *Literatura e Religião: Um acesso a partir das Ciências da Religião*. São Paulo. Ed. Editora Reflexão, 2010.

SANTANA, Cleilton Pazini; DOS SANTOS, André Filipe Pereira Reid. O Demônio São os Outros: a discriminação ao Candomblé como manifestação do racismo. *Revista Calundu*, v. 5, n. 2, 2021.

SILVA, Moisés. Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica. *Fides Reformata*, v. 4, n. 2, 1999.

SILVA, Renato Gonçalves da. O fundamentalismo bíblico na retórica diabólica presente em Lc 4, 11-12. *REVELETEO - Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 10, n. 17, p. 298-309, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; JUNIOR, Manoel Ribeiro de Moraes. (Ed.). *Religião, política e espaço público no Brasil: discussões teóricas e investigações empíricas*. Fonte Editorial, 2015.

STEUERNAGEL, V.D.M. *et al.* *Boletim teológico*. São Leopoldo: Fraternidade Teológica Latino-Americana, 1995.

TORÁ, A LEI DE MOÍSES. 1ª. Ed. Sêfer. V. 2017. São Paulo, 2017.

TORRES, Maycon Rodrigo da Silveira; MARTINS, Natasha. Intolerância religiosa e a demonização de religiões de matriz africana na “pandemônia”. *Relegens Thréskeia*, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 301-319, 2021.

USARSKI, Frank. TEIXEIRA, Alfredo. PASSOS, João Décio. *Dicionário de Ciências da Religião*. São Paulo. 1ª. Ed. Paulinas; Loyola; Paulus, 2022.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Novos rumos na pesquisa bíblica. *Estudos Teológicos*, v. 46, n. 1, p. 22-33, 2006.

II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe. 1. Ed. Rio de Janeiro. CEAP, 2022. Disponível em: <<https://gilvander.org.br/site/wp-content/uploads/2023/01/II-Relatorio-sobre-Intolerancia-Relgiosa-no-Brasil-AL-e-Caribe-21-01-23-1.pdf>>. Acesso em: 01 de Abr. 2024.